

## Alerta de massacres em escolas: Como está a segurança e a saúde mental dos alunos?

Mensagens violentas rabiscadas nas paredes de colégios brasileiros ou publicadas em redes sociais assustam pais e ressaltam importância de acolher os jovens

Leon Ferrari, O Estado de S.Paulo  
26 de agosto de 2022 | 10h20

### Conteúdo Completo

^ FECHAR

> Alerta de massacres em escolas: Como está a segurança e a saúde mental dos alunos?

[Violência pode ser 'extraordinariamente' contagiosa, diz cientista que estudou massacres em escolas](#)

Ameaças de massacre em escolas, nos últimos meses, têm assustado educadores e pais. São mensagens rabiscadas nas paredes de colégios brasileiros ou publicadas em redes sociais. Nenhuma delas se materializou, mas especialistas avaliam que devem ser lidas como sinal de atenção. Além do reforço de segurança, aconselham aprimorar canais de expressão da escola, para acolher alunos.

As causas de um ato violento são complexas e variadas. Para especialistas, a onda de ameaças de atentados pode estar associada a problemas de **saúde mental** e ao distanciamento prolongado das salas de aula na pandemia, dentre outros fatores.

### LEIA TAMBÉM



**Ansiedade em crianças e adolescentes: como os pais podem ajudar**

Com a volta das aulas presenciais após a quarentena imposta por causa da **COVID-19**, educadores relatam, de forma geral, comportamento mais agressivo ou problemas de convívio social em parte dos jovens. Conforme pesquisa do Instituto Península, com escolas públicas e privadas, em junho, mais de 70% dos professores relatam “dificuldades de relacionamento” das crianças e adolescentes.

Desde o fim de julho, o **Estadão** ouviu relatos sobre ameaças de atentados em escolas públicas e privadas brasileiras. Em um colégio particular em Alphaville, na Grande São Paulo, a mensagem escrita na parede de uma instituição era acompanhada por uma suástica nazista.

No início do mês, a direção de uma escola estadual de Belo Horizonte, que atende alunos a partir de 11 anos, acionou as autoridades ao descobrir um perfil no Instagram que sugeria uma massacre no local.

Já em uma escola estadual no Acre, dois adolescentes andavam com facas, falaram a colegas sobre a intenção de praticar violência e, em mensagens trocadas entre eles, exaltaram o caso **Columbine**, de 1999, quando dois jovens fortemente armados mataram 12 colegas e um professor nos Estados Unidos, onde o problema de tiroteios em escolas são frequentes.

“Os alunos perderam vínculo com a escola. Depois de dois anos de pandemia, a escola passou a ser um território estranho e até hostil. Principalmente porque há pressão absurda para que recuperem num curto espaço de tempo, o que deveria ter sido feito num longo espaço”, diz Silvia Colello, professora da Faculdade de Educação da USP.

Na rede pública estadual de São Paulo, sete em cada dez alunos relataram **sintomas de ansiedade e depressão** durante a pandemia, segundo estudo da Secretaria da Educação em parceria com o Instituto Ayrton Senna.

Embora muitas das manifestações dos jovens sejam justificadas como brincadeiras ou falas sem intenção concreta, psicólogos fazem o alerta. “Quando temos uma coisa dessa no muro da escola, não podemos cruzar os braços e falar que não vai acontecer nada”, diz Luis Picazio Neto, psicólogo especializado em tragédias.

Picazio destaca a importância de incrementar a segurança da escola e também prestar treinamento aos professores e escolares sobre como lidar com atentados - indicar saídas de emergência e rotas de fuga, por exemplo.

As instituições ouvidas pela reportagem informaram que, como medidas, fizeram boletim de ocorrência e incrementaram a segurança interna e externa. Algumas também citam o acolhimento dos estudantes, com rodas de conversa e apoio de profissionais sobre saúde mental.

A Secretaria da Educação do Acre disse que os alunos foram identificados e os pais foram convocados. Já as pastas de São Paulo e de Minas destacaram que a orientação, em caso de ameaça, é a escola registrar BO e comunicar às autoridades de segurança pública.

No Acre, a pasta da Segurança destacou ter feito este mês capacitação sobre “situações de risco que envolvam estudantes”, para agentes do policiamento escolar. A pasta da Segurança Pública paulista, por sua vez, diz ter ampliado a ronda escolar em 20% desde julho.

Apesar de o aumento do policiamento ser uma ação emergencial necessária, ela não está no “cerne” da questão, de acordo com a psicanalista Miriam Debieux Rosa, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

“Quando aparecem, essas ameaças são analisadores de que a escola precisa repensar os seus canais de expressão. Há um mal-estar que está ganhando um canal de expressão nessa modalidade da agressividade”, diz ela, que ajudou no atendimento da comunidade da Escola Raul Brasil, em Suzano, na Grande São Paulo, onde o ataque de uma dupla de jovens **acabou com dez mortos em 2019**.

“Eu me lembro em Suzano que um dos meninos que falou: ‘Por que vocês vieram só agora?’”, exemplifica Miriam. “Esse menino queria dizer que muitas coisas violentas, que não levavam esse nome, estavam acontecendo. E o Estado, a escola e os agentes de saúde não conseguiram ver antes.”

Silvia Colello pondera ainda que, em caso de detectar que um aluno ou grupo responsável por uma ameaça, o caminho inicial não deve ser o da “punição pela punição”, pois essa pode gerar mais violência. Se houver sanção, indica que seja reparativa - como limpar a mensagem escrita na parede -, em vez da expulsão ou suspensão.

O ideal, aponta, é chamar os responsáveis para o diálogo. “A tentativa da escola tem de ser justamente de entender o que sustenta aquela postura agressiva, para tentar negociar com eles.”

A educadora orienta que palestras e/ou rodas de conversa sejam oferecidas a todos os estudantes, com a mediação com especialistas em violência na escola e na sociedade. Os pais também devem ser comunicados, além de convidados a uma reunião para discutir como podem ajudar e sobre como se sentem em relação à ocorrência. “Escola tem que ser lugar de debate e de conscientização.”

### **Até que ponto levar a sério o que se vê nas redes sociais?**

Em dezembro de 2021, conforme mostrou o jornal americano *The New York Times*, escolas dos Estados Unidos suspenderam aulas ou aumentaram a segurança após “avisos vagos de ameaças de tiro” que circulavam no TikTok. Segundo o Times, autoridades policiais disseram que elas não tinham credibilidade.

O Departamento Federal de Investigação (FBI) pediu que, ao se deparar com uma ameaça, as pessoas entrassem em contato com as autoridades. “Não compartilhe ou encaminhe a ameaça. Fazer isso pode espalhar desinformação e causar pânico”, orientou no Twitter.

Na época, a empresa responsável pela plataforma de vídeos curtos declarou que levou os rumores com “máxima seriedade”, investigou os casos, mas não encontrou nada. “O que encontramos são vídeos discutindo esse boato e alertando outras pessoas para ficarem seguras”, destacou.

No Brasil, a hashtags sobre o assunto tem milhões de visualizações. Os conteúdos vão desde usuários comentando sobre ameaças que suas escolas receberam e vídeos que relembram tragédias anteriores - como a de Suzano - até supostas dicas sobre como sobreviver a um atentado do tipo.

O problema da alta circulação desses rumores nas redes sociais é que podem servir de inspiração para outros que repitam isso, conforme a cientista de dados canadense Sherry Towers, referência em estudos que analisam os tiroteios em escolas dos EUA de uma perspectiva de contágio.

Ou seja: episódios no passado recente inspiram outros semelhantes. “Esses alunos, talvez socialmente à margem, podem não ter absolutamente nenhuma intenção de perpetrar essas coisas, mas é divertido em suas mentes assustar as pessoas”, **disse ao Estadão**. “É difícil separar as ameaças da verdade.”

O TikTok destacou que as diretrizes “não permitem conteúdo que promova, normalize ou exalte atos perigosos, assim como conteúdos que promovam ou sancionem a participação coletiva em atividades perigosas ou prejudiciais.” Já o Twitter afirmou ter “regras e políticas para proteger as conversas de maneira abrangente, incluindo uma política contra ameaças violentas”.

O Instagram disse não permitir organizações ou indivíduos que anunciem uma missão violenta em sua rede. “Removeremos conteúdo, desativaremos contas e poderemos acionar as autoridades locais se notarmos um risco real de dano físico ou ameaça direta à segurança pública.”

## NOTÍCIAS RELACIONADAS

[Ansiedade em crianças e adolescentes: como os pais podem ajudar](#)

[Crises de ansiedade em adolescentes e crianças desafiam famílias e escolas](#)

['Questão de vida ou morte': a crise de saúde mental entre adolescentes americanos](#)

Tudo o que sabemos sobre:

ataque a tiros

psicologia

Escola Estadual Raul Brasil [Suzano]

saúde mental

### Conteúdo Completo

> [Alerta de massacres em escolas: Como está a segurança e a saúde mental dos alunos?](#)

[Violência pode ser 'extraordinariamente' contagiosa, diz cientista que estudou massacres em escolas](#)

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

PUBLICIDADE

# Violência pode ser ‘extraordinariamente’ contagiosa, diz cientista que estudou massacres em escolas

Para Sherry Towers, desafio é separar ameaças divulgadas em redes sociais de intenções reais

[Entrevista com](#)

[Sherry Towers](#)

Leon Ferrari, O Estado de S.Paulo

26 de agosto de 2022 | 10h20

## Conteúdo Completo

[^ FECHAR](#)

[Alerta de massacres em escolas: Como está a segurança e a saúde mental dos alunos?](#)

> [Violência pode ser ‘extraordinariamente’ contagiosa, diz cientista que estudou massacres em escolas](#)

O fenômeno de contágio está presente em todos os tipos de comportamento humano. Pânico, medo e violência podem ser “extraordinariamente” contagiosos. É o que afirma a cientista de dados canadense Sherry Towers. Professora associada ao Institute For Advanced Sustainability Studies, na Alemanha, ela foi uma das primeiras a usar modelo de contágio para analisar a prevalência de massacres e tiroteios em escolas nos Estados Unidos, em uma pesquisa publicada em 2015.

Sherry mostrou que assassinatos em massa envolvendo armas de fogo são incitados por eventos semelhantes no passado imediato. Embora não tenham estudado como se dá o contágio, eles podem estar associados à atenção midiática aos incidentes - a probabilidade cai conforme a cobertura diminui. Ameaças de massacres, como as registradas em colégios brasileiros, também são comuns nos Estados Unidos e no Canadá, diz Sherry. O desafio nesses casos é separar o que são ameaças infundadas de intenções reais.



## O que é o contágio em massacres e tiroteios em escolas? E o que seu estudo publicado de 2015 descobriu?

Esses massacres acontecem com uma regularidade chocante nos [Estados Unidos](#). Queríamos olhar para isso de uma perspectiva de modelagem de contágio para ver se havia um agrupamento incomum no tempo. Analisamos tiroteios em escolas separadamente e depois massacres. E descobrimos que, de fato, havia evidências de que eles estavam agrupados e cerca de 20% a 30%, em ambos os casos, pareciam ter sido inspirados por um evento relativamente recente no passado. Você não pode apontar para um específico e dizer que sim, a menos que haja um manifesto deixado para trás, você só pode ver em média.

Quando fizemos o estudo, não examinamos como o contágio acontece, mas inferimos - porque não havia aglomeração geográfica, mas estavam se aglomerando no tempo - que a atenção da mídia de massa prestada a esses incidentes foi talvez o que estava dando ideia às pessoas para cometer um ato semelhante.

Há contágio em todos os tipos de comportamentos humanos, é o que nos torna humanos e impulsiona nossa sociedade. Uma semelhança de pensamento sobre certos tópicos, como a maneira de nos vestirmos, como comemos, qual é o nosso sistema moral, coisas dessa natureza. Somos uma espécie pré-programada para estar atentos ao que os outros ao nosso redor estão fazendo. Infelizmente, isso também se transforma em violência. A violência pode ser extraordinariamente contagiosa.

### Você disse que a violência é muito contagiosa. Por quê?

Poderíamos ter muitos pesquisadores gastando suas carreiras inteiras procurando por que certas ações ou emoções humanas são mais contagiosas do que outras. Violência e contágio estão presentes em todas as culturas, não é apenas na cultura americana que você tem esse tipo de contágio. A capacidade de perpetrar violência varia de cultura para cultura pela disponibilidade de ferramentas.

### No estudo, vocês falam da grande mídia, mas as mídias sociais, como Instagram, Twitter, Facebook, desempenham um papel no contágio?

Quando fizemos nosso estudo em 2015, as mídias sociais já estavam por aí, mas ano após ano, elas têm explodido, e a maioria das pessoas realmente vai às mídias sociais para obter suas notícias e, claro, há a dinâmica das pessoas apenas falando nas mídias sociais, memes se tornando virais ou tweets se tornando virais. Isso também é extremamente contagioso e é difícil quantificar os efeitos da mídia social.

Como espécie, estamos realmente muito sintonizados, especialmente, com pânico e medo. Não teríamos sobrevivido como espécie se ignorássemos completamente que os outros ao nosso redor estavam demonstrando pânico ou medo. Quando você olha para a disseminação de notícias falsas, que muitas vezes têm a intenção de espalhar pânico ou medo, e quando você olha para a disseminação da verificação de fatos nas mídias sociais, elas (a verificação de fatos) não são tão contagiosas, porque não inspiram pânico ou medo. Não somos tão programados para espalhar lógica, não sei qual é a razão para isso.

### No estudo, vocês associaram a prevalência estadual de posse de armas de fogo à incidência de massacres e tiroteios em escolas. No Brasil, há política pró-armamento do governo, que tem gerado o aumento do acesso. Podemos pensar que estamos mais em risco com isso?

Como perpetrar (*um massacre*) sem a ferramenta apropriada? Com uma faca o número de pessoas que pode conseguir matar é muito menor do que se tivesse uma arma de alta potência com muitas balas nela. Portanto, não é surpreendente que as taxas per capita foram positivamente correlacionadas de forma significativa com a disponibilidade de armas de fogo. Não é nada surpreendente. Quando você olha para países, vê a mesma coisa.

### Nos últimos meses, temos visto uma onda insurgente de ameaças de massacre em escolas, sejam riscadas nas paredes ou por meio de redes sociais. Por ora, nenhuma se concretizou. Como podemos interpretar essas ameaças?

Isso (ameaças) não é uma coisa incomum tanto no Canadá quanto nos EUA, desde muito tempo atrás. Não era incomum pessoas ligando para ameaças de bomba principalmente nas universidades durante o período de provas. E quase universalmente as ameaças de bomba acabavam sendo falsas. Mas, é claro, eles têm de fechar a universidade e trazer a polícia e seus cães para tentar descobrir se realmente existe uma bomba.

No Brasil, não sei se as ameaças estão agrupadas temporalmente em torno das épocas de provas ou pode ser que estudantes apenas se empolguem em assustar as pessoas. Esses alunos que podem estar vivendo socialmente à margem, que podem não ter absolutamente nenhuma intenção de perpetrar essas coisas, mas veem como divertido assustar as pessoas. Então eles têm essa ideia (da grande mídia ou por meio das redes sociais) da maneira perfeita de assustar as pessoas que é muito difícil de rastrear, que é escrever na parede do banheiro, uma ameaça: “Isso é fácil e nunca serei detectado”. Não me surpreende que isso seja contagioso.

Agora a questão é: como você faz a avaliação de ameaças? É difícil separar as ameaças da verdade.

## NOTÍCIAS RELACIONADAS

[Alerta de massacres em escolas: Como está a segurança e a saúde mental dos alunos?](#)

['Questão de vida ou morte': a crise de saúde mental entre adolescentes americanos](#)

Tudo o que sabemos sobre:

ataque a tiros

segurança pública

ataque com arma branca

### Conteúdo Completo

[Alerta de massacres em escolas: Como está a segurança e a saúde mental dos alunos?](#)

> [Violência pode ser 'extraordinariamente' contagiosa, diz cientista que estudou massacres em escolas](#)

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)